

Biografia, História e Colonialismo: o caso de João Albasini (1876-1922)

Thiago Henrique Sampaio^I

Resumo: Ao final do século XIX e primeira década do XX começaram a se desenvolver uma imprensa oriunda de uma elite negra local em Moçambique. Esse grupo buscava denunciar os abusos, corrupções e desleixos da administração colonial lusitana em território moçambicano. Um deste periódicos foi “O Africano”, que surgiu em 1908 como propriedade do Grêmio Africano de Lourenço Marques e durou até 1919. Um dos seus diretores foi João Albasini que foi um importante jornalista no momento que viveu e um ferrenho crítico a atuação colonialista em Moçambique. Além disso, sua obra O livro da dor (1925), lançada postumamente, marca o início da literatura nacional Moçambicana. O presente trabalho buscar discutir as potencialidades de pesquisa existente dentro da trajetória de vida de João Albasini e a sua atuação como diretor e escritor em “O Africano” dessa forma perceberemos as potencialidades literárias, históricas e sociais presentes em sua escrita.

Palavras-chaves: Imprensa em África; João Albasini; O Africano; Colonialismo.

Biography, History and Colonialism: the case of João Albasini (1876-1922)

Abstract: At the end of the 19th century and the first decade of the 20th, a press from a local black elite began to develop in Mozambique. This group sought to denounce the abuses, corruptions and negligence of the Portuguese colonial administration in Mozambican territory. One of these journals was “O Africano”, which emerged in 1908 as the property of the African Guild of Lourenço Marques and lasted until 1919. One of its directors was João Albasini who was an important journalist at the time he lived and a staunch critic of colonialist action in Mozambique. In addition, his work O Livro da Dor (1925), released posthumously, marks the beginning of Mozambican national literature. The present work seeks to discuss the potentialities of research existing within João Albasini's life trajectory and his performance as director and writer in “O Africano” in this way we will perceive the literary, historical and social potentialities present in his writing.

Keywords: Press in Africa; João Albasini; O Africano; Colonialism.

Artigo recebido em 17/04/2021 e aceito em 08/06/2021

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

Da antiguidade ao período moderno, as biografias possuíam uma função modeladora de virtudes e morais para educar e transmitir valores dominantes de uma época para as gerações posteriores. Dessa forma, a biografia não tinha o caráter apenas de mostrar uma vida, mas um estilo de se viver^{II}. Durante o Renascimento, a escrita biográfica foi recuperada e alargada para outros tipos de indivíduos como artistas, mulheres e pessoas das mais diferentes culturas. A noção de caráter ímpar continua presente nesse tipo de escrita.

O gênero biográfico moderno pautava-se na figura de heróis e estes são apropriados através do discurso histórico encarnando valores e qualidades de grupos, comunidades, da nação ou até mesmo da Humanidade. A figura do herói começou a sofrer uma crise a partir do século XVIII. O caráter exemplar dessas personagens que carregaria qualidades representativas de uma parcela considerável da população começou a ser questionada pelos valores do movimento Iluminista que consideravam tais representações como ultrapassados para a época.

A partir dessas inquietações, surgiu no século XIX as figuras dos “grandes homens” que eram marcados pelos feitos e méritos individuais as quais pessoas comuns poderiam alcançá-lo. Ao mesmo tempo, valores exemplares, de humanidade e correção moral continuaram presentes nesse tipo de escrita. Segundo Benito Bisso Schmidt^{III}

Desde sua emergência na Antiguidade e apesar das transformações que experimentou ao longo do tempo e das diferenças existentes entre os autores que o praticaram, (o gênero biográfico) ele se configurou em torno de uma motivação ética: realizar, por meio do exemplo dos personagens biografados, uma reflexão de segundo grau sobre as normas, apresentar e reforçar fronteiras sobre o proibido e o permitido, e sobretudo, constituir um sujeito obrigado ou ao menos inclinado a fazer o seu dever a fazer o bem, conforme os sentidos dominantes atribuídos a esses termos em cada época e em cada sociedade. Essa motivação secular do gênero biográfico – que perpassa narrativas de estilos muito variados – está relacionada a um regime de historicidade específico, também de longa duração: o da *historia magistral vitae*, ou “história mestra da vida”, segundo o qual cabe ao passado esclarecer o futuro, oferecendo um repertório de exemplos e contraexemplos a serem imitados ou evitados.

Durante o século XX, assentadas na perspectiva de progresso e evolução da sociedade, grandes filosofias da História como o marxismo e positivismo expressavam com perfeição um regime pautado no futurismo da humanidade. Entretanto, após as guerras mundiais, houve uma descrença com os modelos do passado e nos projetos defendidos para o futuro. Desta forma um novo regime de historicidade começou a ganhar forma na década de 1960.

As biografias foram fortemente criticadas no século XX, em diferentes momentos, devido esta crise dos ideais modernos e com o advento da escola dos Annales. Entretanto, Schmidt^{IV} chamou a atenção sobre as perspectivas historiográficas, a partir da década de 1980, que reabilitou áreas até então consideradas “ultrapassadas” no campo histórico como a biografia. Para Schmidt, esse movimento de retorno são as chamadas “voltas” que aconteceu a partir daquela década com a Nova História Cultural.

Para o desenvolvimento do presente trabalho pautaremos nas observações de vários teóricos da memória e biografias buscando entender seus posicionamentos para analisar a figura de um importante intelectual de Moçambique: João Albasini.

A vida de João Albasini deve ser pensada nas seguintes perspectivas:

Se o indivíduo não é apenas um produto de seu meio, um marionete de forças impessoais que o ultrapassam ou uma encarnação de valores coletivos (como nas biografias tradicionais), mas um sujeito concreto, dotado de margens de liberdade, ele também pode ser responsabilizado, ao menos em parte, por seus atos^V.

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

Assim, as atitudes de João Albasini não devem ser levadas em consideração apenas as suas conjunturas históricas ou seus valores de época, mas a sua liberdade de atuação para a construção de uma resistência as questões coloniais em Moçambique para as futuras gerações. Como assinalou Schmidt^{VI}, devemos compreender os percursos de certos personagens, o funcionamento de determinados mecanismos sociais e normativos, a pluralidade existente em grupos e instituições vistas normalmente como homogêneas suas construções discursivas e não-discursivas do indivíduo.

João Albasini é uma personagem que em suas atitudes e pensamento colonial influenciaram as futuras gerações de escritores e intelectuais moçambicanos. Seus feitos são resgatados e sua importância em diversos momentos são lembrados nas últimas décadas com os avanços das pesquisas na área de História e de Literatura. Esse “resgate” de seus atos e influências podemos buscar compreender devido:

O potencial da biografia como fonte liga-se à configuração de uma “carga de significados” sobre a experiência narrada, vivida, sentida e sonhada, pelo sujeito que, embora situado em outro tempo, pelo viés da memória, repercute nos dias de hoje. (...) A evocação de memórias individuais e coletivas desperta vestígios de vivências e sensibilidades, o que permite a constituição de um sentimento de pertença naqueles que vivenciaram esse período ao espaço social em que se manifestam/representam zonas de conflitos, geralmente pelo poder ou pelas representações desse poder, o que acaba por selecionar memórias e criar identidades. (...) reviver memórias é uma possibilidade de se ler o passado como lugar de experiências de outros sujeitos que nos antecederam e, desse modo, com eles estabelecemos um diálogo para a compreensão do presente^{VII}.

O resgate da vida de João Albasini e seus feitos em Moçambique, podem ser compreendidos como uma forma de reconstrução do passado, pois as memórias coletivas e memórias individuais^{VIII} se alinharam em torno de uma causa para ocorrer a rememoração de sua vida em diversos momentos, os motivos que levaram a isso foi a sobrevivência do colonialismo português em África e a resistência ao Estado Colonial durante o século XX.

Para entendermos a figura de João Albasini, nós apoiamos em seu principal periódico *O Africano* e sua obra póstuma *O livro da dor*, esse último que é considerado como o primeiro livro escrito por um moçambicano. Entendemos essas fontes como lugares de memória, pois

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associação, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade dessacralizada; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípios; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos^{IX}.

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

Em seus escritos percebemos que perpassam as questões do cotidiano colonial, as mazelas administrativas portuguesas pra a moçambicana e a situação do colonizado. Segundo Pierre Nora

(Os lugares de memória) são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou^x.

A partir de nossa apresentação teórica, partiremos para a análise histórica do período e das fontes elencadas para a compreensão dessa figura histórica.

O arauto de uma sociedade em transformação: João Albasini e seus heterônomos

Importante persona, jornalista e literário em início do século XX em Moçambique, João dos Santos Albasini é uma figura que desperta curiosidade sobre seu papel social na colônia nas primeiras décadas da centúria passada. Nascido em 2 de novembro de 1876 no Magule com o nome ronga de Nwandzengele era membro de uma aristocracia local e estudou em uma missão católica na cidade de Lourenço Marques.

Descendente de uma importante figura da história de Moçambique era neto de João Albasini (1812-1888), o qual se formara em direito em Lisboa e tornou-se caçador e comerciante de marfim na colônia, posteriormente virou chefe de uma tribo changana na região norte do Transvaal. Em 1861, foi nomeado vice-consul de Portugal na República do Transvaal. Posteriormente, em 1868, doou suas terras à administração portuguesa para a criação da colônia de São Luís. A partir daí, mudou para o Transvaal e permaneceu até o fim da sua vida, em 1888, e perdeu contato com o ramo da sua antiga família em Moçambique^{XI}.

Sobre a vida familiar de João Albasini, o neto, sabe-se que sua mãe possuía propriedades e certa influência na localidade. Segundo o Censo de 1894, os irmãos Albasini moravam no bairro de Maxaquene, na avenida Afonso Albuquerque na casa de uma mulher chamada Agueda Manoel da Silva (Nsatimeme). De acordo com Jeanne Penvenne, ela era identificada como uma dona de casa africana com 56 anos, solteira, católica e sem escolaridade formal. Nesse levantamento de 1894, os irmãos são listados como seus filhos^{XII}.

Na época de sua juventude, João dos Santos Albasini tornou-se funcionário dos correios através da intervenção de José Aniceto da Silva. Na primeira década do século XX, tornou-se assistente do despachante do Porto de Lourenço Marques. É interessante analisarmos esse cargo alcançado por Albasini no funcionalismo público moçambicano devido sua relação com o governo-geral Freire de Andrade, último administrador monárquico na localidade.

Freire de Andrade foi um governante querido pelos colonos e assimilados^{XIII} devido suas atitudes durante a administração, como as construções do edifício de Caminhos de Ferro,

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

o Hospital Miguel Bombarda e da Ponte-Cais, do Quartel-General, do Comissariado de Polícia, das Procuradorias administrativas e da primeira escola régia para instrução primária e de duas para indígenas^{XIV}. Tais feitos ficaram responsáveis por em inúmeros momentos o seu nome ser lembrado pelo jornal *O Africano* e despertar um certo sentimento antirrepublicano entre os

assimilados, mas isso não significava que a parcela de assimilados seria pró-monárquica, de acordo com José Moreira:

a um forte anti-republicanismo entre os assimilados, que nada tinha a ver com desejos de um eventual regresso do rei ao trono português, mas muito mais com um conservadorismo tanto mais inevitável quanto as condições de vida se iam agravando ao mesmo tempo que os colonos, os brancos, ganhavam terreno. Assim, os louvores dos jornais africanos ao saudoso Freire de Andrade eram confundidos com o elogio de um regime execrado pela maioria dos brancos^{XV}.

Além dos benefícios estruturais, José Moreira assinalou que os assimilados se tornariam gratos a Freire de Andrade por ter conseguido um convênio com a África do Sul para a emigração de trabalhadores para as minas do Rand, além de ter feito decretos obrigando o ensino missionário na língua portuguesa e uma lei que deu primazia aos naturais da colônia para ocuparem cargos público^{XVI}. O salário pago aos africanos teria que ser no câmbio oficial, do mesmo modo que o da população branca:

Exigir sacrifícios só aos pretos, obrigar pretos a pagarem os seus impostos em ouro – ouro que não ganham na Província – achamos em boa vontade uma solução violenta, abusiva do poder.

Quando se exija o pagamento de palhota em ouro que se pague ao indígena em ouro. Freire de Andrade, grande Governador que Moçambique perdeu, foi quem (...) a existência de pagamento do imposto de palhota em ouro.

Mas esse tempo, por uma disposição legal tornou obrigatório o pagamento de salário dos indígenas em ouro, a razão de 5.000 reis a libra^{XVII}.

Freire de Andrade logo teria percebido a influência de João Albasini sobre os demais assimilados de Lourenço Marques e buscou captá-lo para seu lado. Os textos assinados por Albasini no primeiro ano do periódico no qual trataria de atacar a Igreja, a polícia, a política colonial e o racismo do Estado Colonial teriam chamado a atenção do governador colonial^{XVIII}.

O principal fator que influenciou a tomada de decisão de dar-lhe um cargo no Porto de Lourenço Marques teria sido a revolta de novos trabalhadores africanos com as regras existentes na localidade, como baixos salários, e isso faria com que abandonassem o emprego e fugissem. Uma das medidas tomadas para evitar tal fuga teria sido o acorrentamento desses trabalhadores e a busca de uma reserva de mão de obra. Nesse cenário, ocorreu a aproximação do governador e do escritor. João Albasini relatou em uma carta que

Então o Sr. Freire de Andrade, Governador Geral, achando vergonhoso para o Estado, apesar de boa alimentação, e regularidade dos salários... (que) o preto não quisesse trabalhar mandou-me chamar à alfândega (onde) eu tinha a minha agência de despachante (...) e expôs-me a situação^{XIX}.

De acordo com José Moreira, o governador geral conhecia a vaidade de figuras sociais que se consideravam importantes, como é o caso de João Albasini e buscou convencê-lo a colaborar com a administração do Porto. João Albasini assinalava que “comprometi-me a fazer propaganda a favor dos Caminhos de Ferro e num relatório que deve estar na Direção, expus as

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

razões que me pareceram tendentes a melhorar a situação”^{XX}. Dessa maneira, João Albasini ficou responsável pela seção indígena existente no Porto de Lourenço Marques, o qual buscou reestruturar e teve alguns resultados positivos a médio prazo, conseguindo manter trabalhadores na localidade por períodos de importante atividade.

Quando *O Africano* desapareceu nos meses de novembro de 1909 após um polêmico editorial sobre os trabalhos forçados em São Tomé, no qual criticava a colonização portuguesa^{XXI}, alguns autores consideram que esse desaparecimento se deve à influência de Freire de Andrade sobre João Albasini^{XXII}. Entretanto, quando o jornal regressou, em 1911, o próprio jornalista buscou desmentir qualquer falatório sobre o sumiço do periódico em Lourenço Marques^{XXIII}. Segundo José Moreira

Tenha ou não havido um acordo expresso para silenciar o jornal, não temos dúvidas de que Freire de Andrade iniciava desse modo a “domesticação” de João Albasini e dos assimilados. Conhecendo bem o pendor dos intelectuais para as soluções tecnocráticas, comprometeu João Albasini na solução de um problema delicado, aliviando assim da sua pessoa e do Estado, o peso do lado sujo das medidas disciplinadoras dos trabalhadores negros. Os assimilados entravam assim na colaboração com o Estado colonial, quase sem darem por isso. Não é possível saber hoje o que teria sucedido com a continuação do governo dirigido por Freire de Andrade, ou outros do seu estilo, mas é legítimo concluir que teria consequências importantes para os assimilados^{XXIV}.

Em 1912, novamente em um editorial, João Albasini defendia-se das acusações de ter silenciado *O Africano*, defendendo a honra do ex-governador geral e a sua:

Aquelles roubos de Freire de Andrade apresentados no Parlamento fazem entristecer os correligionários que esperavam verdadeiros escândalos e, afinal, o doutor pariu um rato...

No rol dos ladrões, e vendidos está a minha escura figura com uma “queijada” (vá de calão) 353.840 d’uma famosa viagem ao interior – mascara decente com que se encobriu a venda do “O Africano” onde eram criticados asperamente os actos do governador geral. Este africano foi mais tarde collocado como fiscal dos serviços indígenas na Ponte Cais e Caminho de Ferro de Lourenço Marques.

Sou eu mesmo; confere, com uma variante sensível

Do serviço ao interior, dei contas; o jornal nunca atacou o Sr. Freire de Andrade; e o lugar da Ponte Cais dera-me por que era preciso um homem ali e me acham competente para o cargo. Trabalho e por isso me pagam. De resto já contei esta história^{XXV}.

Ainda sobre a vida pessoal do escritor, João Albasini casou-se em 1897 com Bertha Carolina Heitor (Nwana-wa-titu). Tiveram dois filhos: Beatriz (Minyembeti) e Carlos Eduardo. A relação, que durou 19 anos, terminou em divórcio. Após divorciar-se, Albasini escreveu diversas cartas para Michaela Loforte, que não foram correspondidas^{XXVI}. César Braga-Pinto assinalou que

Parte do espólio de Albasini, deixado nas mãos de seu sobrinho Luis, as cartas foram publicadas em 1925 por Marciano Nicanor da Sylva. Sabe-se que Michaela teria sido uma antiga paixão de Albasini, que por volta de 1917, ainda durante seu processo de divórcio, recusara seu pedido de casamento. (...) o conflito central da narrativa não deixa de merecer análise e interpretação. Pois a recusa (ao pedido de casamento) de que trata a obra se dá possivelmente por um mal entendido que nos parece bastante

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

significativo. O autor das cartas se declara à amada numa sessão de cinema, entregando-lhe de um bilhete em ronga, ao qual, ofendida, teria respondido simplesmente: “sinto-lhe ódio”. Assim, é quase como que se o ódio fosse aqui menos uma reação ao conteúdo do bilhete do que a língua em que o bilhete fora escrito, já que a pretendida supostamente não compreendia o “landim”. Ou seja, o problema da expressão íntima em língua tradicional africana, por um lado, e a angústia de uma provável rejeição por parte do outro que não o compreende, estão intimamente ligados, talvez constituindo as raízes mais profundas do discurso da política do escritor-jornalista^{xxvii}.

Michaela Loforte fazia parte de uma importante família rica de Inhambane. Sua tia, Carlota Paiva Raposo, foi uma das figuras mais abastadas em Lourenço Marques, possuidora de diversas propriedades pela cidade. De acordo com as cartas, João Albasini teria sido infeliz em seu casamento e possuía esperanças de se casar com Michaela^{xxviii}.

Segundo Jeanne Penvenne, Marciano Nicanor da Sylva, filho de José de Aniceto, solicitou à família e amigos de João Albasini que colecionavam seu patrimônio literário para entregá-lo. Sua intenção era a publicação dos melhores ensaios e editoriais escritos pelo autor ao longo da sua vida. Entretanto, não se sabe por que motivo Marciano Nicanor não conseguiu realizar essa publicação. As cartas românticas de João Albasini para Michaela Loforte, contudo, foram publicada três anos após sua morte^{xxix}.

Considerado como o autor da primeira obra moçambicana, com o livro póstumo derivado dessas cartas particulares, *Livro da Dor: Cartas de Amor* (1925), organizado três anos após sua morte, pouco conhecido ainda nos meios literários brasileiros e muitas vezes com profundo desconhecimento sobre a temática abordada em suas páginas. Como exemplo desse silenciamento sobre sua produção, podemos citar o exemplo de Pires Laranjeira, que na obra *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* assinala que o livro póstumo seria uma coletânea de contos, desconhecendo profundamente seu conteúdo escrito^{xxx}. Já outros autores como Orlando de Albuquerque assinalavam que João Albasini não poderia ser considerado escritor e que seu livro não teria qualquer valor para a literatura, muito menos fundador de qualquer movimento ou escola literária^{xxxi}. Um fato curioso sobre Albasini que justifica sua importância e reconhecimento na sociedade moçambicana em começo do século XX e a admiração de vários pesquisadores, talvez seja a transformação de sua figura em uma personagem de ficção na obra *O olho de Herzog* de João Paulo Borges Coelho:

João Albasini é assim, tem a curiosa propensão de conduzir todos os diálogos numa mesma direcção, de assestar sobre a municipalidade e os seus jogos todas as baterias que tem. É tinta que lhe corre nas veias, não sangue... Alguma coisa muito séria lhe hão-de ter feito para que veja o mundo sempre assim^{xxxii}.

Francisco Noa, nas páginas de *Uns e outros na literatura moçambicana*, levantou o questionamento sobre qual o peso da obra *O livro da dor* para o leitor dos tempos contemporâneo. Segundo o pesquisador, seu enredo, temática e linguagem configuram uma obra que se aproximaria mais do imaginário e das práticas literárias do século XIX do que da centúria em que surgiu. Esse, segundo o autor, seria um dos motivos de sua invisibilidade inicial^{xxxiii}.

Seu título e subtítulo (*Cartas de Amor*) resumiriam um sentimento de nostalgia e fatalidade, de acordo com Francisco Noa. O autor ainda completa que o determinante “O” e o seu complemento “da dor” carregariam toda uma carga semântica trágica que “transforma o livro numa espécie de encarnação e concentração do sofrimento global”. Além disso, *O Livro*

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

da Dor seria tributário do movimento romântico por causas dos seus princípios e regras clássicas, prescritivas e incontornáveis que se prolongariam em suas linhas^{XXXIV}.

Francisco Noa assinalou que o efeito do real causado pela leitura de *O Livro da Dor* a tornaria mais estimulante. Esse seria um forte apelo realista do texto, representando o tempo e as situações do cotidiano colonial, personagens e linguagens de um determinado contexto. Isso faz com que a obra tenha um importante marca histórica. Ao impor-se como uma expressão de

vida íntima de um escritor, a obra nos apresenta essa interioridade com suas contradições, confusões, mágoas de uma mentalidade extremamente confundida com seus sentimentos. É por meios dessas emoções e elementos como notas de rodapé com teor autobiográfico, ocultação de nomes de pessoas reais e descrições de localidades que percebemos esse entrecruzamento sentimental e realista^{XXXV}. Além disso, o pesquisador nos levanta uma importante inquietação sobre a forma clássica do gênero presente nesse escrito

Temos, assim, por um lado, uma espécie de ambigüidade do gênero. Afinal, esta obra é uma novela, um romance, um diário ou, simplesmente, aquilo que ela se diz, cartas de amor? Ou ela não está tudo isso ao mesmo tempo? E, em jeito de provocação, perguntamo-nos qual a relevância destes classificadores para a compreensão deste livro?^{XXXVI}

Francisco Noa ainda acrescentou que *O Livro da Dor* possuiria ambigüidades interessantíssimas como uma demonstração do próprio processo de escrita de João Albasini

Um aspecto intorneável nesta obra e profundamente associado à fase exacerbada do romantismo, o ultrarromantismo, é o excesso de emoção e de sentimento que sobrepuja o universo de *O Livro da Dor*. Raiando o patético, quando não mesmo o grotesco, na expressão do seu calvário interior, o sujeito surge-nos perturbadoramente desprovido de amor-próprio, anulando-se completamente perante a amada. Finalmente, um traço marcante da modernidade desta obra é ela ser um livro sobre o próprio processo de escrita, enquanto criação, ou recriação. Essa dimensão autoreflexiva reconhece-se nos vários intertextos, implícitos e explícitos, que atravessam a obra e que resultam do fato de este autor, narrador revelar-se um leitor consumado e insaciável como que demonstrando, à imagem dos grandes nomes da literatura universal, que a condição primeira e última para se ser escritor é ser-se leitor. Notavelmente, é o intertexto bíblico que é mais pronunciado na sua obra. É, pois, daí que ele retira as grandes analogias, parábolas e lições para ilustrar a sua existência desafortunada: a de um sujeito envolto no manto enigmático e inapreensível do destino que, no seu caso, foi usurpado pela mulher que o levou à perdição^{XXXVII}.

Para Jeanne Penvenne, Marciano Nicanor decidiu-se pela publicação das cartas para mostrar um homem que lutaria pelos seus sofrimentos na maturidade (responsabilidade familiar, paixões e tragédias). Nas cartas percebemos uma preocupação de João Albasini sobre sua integridade pessoal, dever e auto-respeito poderia ter cedido as suas paixões, mas buscou contê-las devido aos exemplos que daria para sua família, suas gerações e sua localidade^{XXXVIII}.

Acreditamos, assim como César Braga-Pinto, que João Albasini foi um dos pais fundadores do que podemos chamar de sistema literário moçambicano. Notaremos sua importância, através da análise de alguns excertos e de sua rede de sociabilidade, mostrando como esse autor trouxe impacto para outros escritores posteriores e mesmo contemporâneo. De Acordo com César Braga-Pinto

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

Mesmo não tem até agora sua obra reunida, João Albasini não deixa de ser um escritor canônico e fundador de uma tradição das mais significativas dentro da história literária de Moçambique, se não convém falar de “influência” propriamente dita, pode-se sem dúvida identificar uma linhagem que se insinua a partir da publicação do primeiro número de *O Africano* e, em menor medida, com a contribuição de outros jornalistas contemporâneos de João Albasini, sobretudo o companheiro de geração Estácio Dias (pai de João Dias, o autor do póstumo *Godido e outros contos*) e seu próprio irmão José Albasini, tal linhagem atravessará os chamados “novos”, ou seja, aqueles jornalistas que, não sem algum conflito geracional, imediatamente sucederam os fundadores do jornal (sobretudo nomes reconhecidos como os de José Cantine, Karel

Pott e Rui de Noronha), chegando àqueles hoje considerados de maneira unânime como figuras verdadeiramente fundadoras da literatura nacional moçambicana, e que sem dúvida estão entre seus maiores expoentes: nomeadamente os admiráveis poetas José Craveirinha e Noémia de Sousa. Confirma-se assim a partir da publicação de *O Africano* uma rede ao mesmo tempo transnacional e trans-histórica de textos e ideologias, cujo significado só poderá ser compreendido a partir da leitura e estudo comparado de obras que em grande parte permanecem inéditas e dispersas em outros jornais^{XXXIX}.

João Albasini participava ativamente da vida cafeeira da cidade que localizava na Praça Sete de Março, área histórica, e perto do porto de Lourenço Marques. Esse contato e interações de ideais possibilitaram-lhe conhecer uma gama de novas ideias como o sindicalismo, socialismo, o humanismo e ideais republicanos. Percebemos em seus escritos uma reflexão constante sobre esses ideais a partir de seu contexto^{XL}.

A maioria dos textos assinados por João Albasini em *O Africano* são editoriais e costumam aparecer nas primeiras páginas do jornal, normalmente dirigidos a alguma autoridade administrativa ou diretamente aos Governadores Coloniais. De acordo com César Braga-Pinto, as temáticas e reclamações desses escritos giram em torno de treze assuntos locais ou nacionais:

a campanha a favor da instrução dos “indígenas” em português e contrária a influência das missões inglesas; (2) a crítica a venda do “vinho colonial” (muitas vezes chamado simplesmente de “o tal”), o qual é entendido como instrumento de exploração e causa da corrupção das sociedades locais; (3) a defesa da educação técnica, em escolas de ofício, com ênfase na educação da mulher como um caminho para se proporcionar estabilidade à família e à sociedade indígena – das quais os homens se fazem excluir pelo consumo descontrolado de álcool e pela emigração; (4) as artimanhas da administração colonial para explorar o indígena desde a expropriação de suas terras à cobranças injusta de impostos; (5) o estímulo a emigração para as minas da África do Sul; (6) a violência no recrutamento militar, a que os homens eram obrigados a servir por três anos; (7) a corrupção fiscal; (8) a oficialização dos castigos corporais e a violência policial contra o indígena; (9) a fala de mão de obra, pela regulamentação (e o incentivo) do trabalho indígena; (10) o combate ao racismo e ao modelo segregacionista inglês; (11) a fome, agravada durante a primeira guerra mundial; (12) a campanha contra a prostituição de menores; (13) e, a partir da queda da monarquia em 1910, o desencanto em relação ao sistema republicano^{XLI}.

João Albasini tinha forte consciência do papel da imprensa no mundo contemporâneo. Ele abandonou as reflexões de gabinete e revolucionou o jornalismo moçambicano nas décadas iniciais do século, adotava um estilo de reportagem “própria, única e crítica”. Suas investigações passavam por ambientes políticos, nas ruas com o cotidiano populacional, nos espaços boêmios e miseráveis da cidade^{XLII}. O que despertava sua atenção seria matéria de seus editoriais e suas crônicas, esse último estilo preterido pelo autor.

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

Seu papel nesse duplo mundo, na vida literária e imprensa, nesse momento de intensas transformações na realidade colonial de Lourenço Marques e de profundas informações, possibilitaram a vinculação dos literatos locais aos jornais que dirigia. Nomes como Rui Noronha, José Craverinha e Noémia de Sousa apareceram em finais da década de 1920 e início da seguinte em um dos seus periódicos fundados: *O Brado Africano*.

Sua escrita, que continha um hibridismo de literatura e jornalismo, possibilitou que seus textos ganhassem repercussão entre a população local e entre as próprias autoridades portuguesas. Podemos considerar seus escritos como crônicas devido às aberturas dadas por esse gênero e fortemente vinculado a imprensa em início do século XX. De acordo com Sidney Chalhoub

Surgidas no acaso, da espontaneidade de uma conversa, as crônicas teriam como uma de suas características primeiras a leveza. Ao tratar de temas diversos, alinhavados pela arte das transições, fariam dos pequenos acontecimentos sua matéria-prima privilegiada. Presos aos assuntos do dia, tais textos seriam efêmeros e passageiros, ligando-se de forma direta a seu tempo. (...) Por não terem sido “escritos para a posteridade”, como apontou John Gledson, foram muitas vezes tomadas como textos ligeiros e sem importância, a serem esquecidas nas páginas de “jornais velhos”^{XLIII}.

Podemos considerar que a escrita de João Albasini possuía uma característica própria de sua época: a capacidade de transformar qualquer assunto do cotidiano colonial em tema de literatura, jornalismo e história. Entretanto, a sociedade moçambicana ainda não estava pronta e disposta a refletir sobre as denúncias de abusos e reivindicações tomadas na tinta do jornalista^{XLIV}.

Em uma importante série de crônicas denominada *Vozes do Burro*, João Albasini crítica a postura da administração colonial perante a cobrança de impostos aos indígenas e a falta de estrutura, por parte do Estado Colonial, para os nativos aprenderem a ler para se informarem sobre as legislações existentes

Para se regularizar os terrenos (...) deu-se para isso um prazo que veio publicado... no Boletim Oficial!...

Ora esse prazo acabou dia 17.

Os pretos donos de terrenos que se não aproveitaram das inúmeras escolas que o Governo tem aberta pelas cidades, arredores e sertão, não leram o Boletim. Os mulungos que sabiam ler, leram e tomaram nota da data em que terminava o prazo e, no momento asado caíram na Agrimensura umas chuvas de requerimentos... a pedir terrenos, parcela do tal cadastro, terreno que os pretos ocupam há muitos anos e onde tem construções! (...)

O preto, Exmo Sr., não lê Boletins; o preto não sabe ler; o preto não tem escolas.

Nasceu e viveu num terreno. O Governo um dia exigiu-lhe o pagamento do imposto: pagou; construiu barracas de zinco em substituição a palhotas. O Governo exigiu-lhe “outra qualidade de impostos”, pagou novamente. Pagou porque?

Certamente porque era o dono da barraca e do terreno e por essa razão a Fazenda lhe recebeu os impostos^{XLV}.

Nessas poucas linhas percebemos já que as ironias sobre as práticas coloniais se tornaram uma marca evidente da escrita de João Albasini. O tom jocoso tornou-se característica da escrita do escritor, mostrando um humor ácido sobre os aspectos do colonialismo que o inquietavam e repugnavam. Ele deixa evidente que “ninguém detesta como nós a intervenção estrangeira na nossa vida nacional; ninguém defenda com tanto ardor, com tanta fé e tanto amor a soberania, a dominação portuguesa nesta terra”^{XLVI}. Nessas palavras, percebemos que ele queria que a colonização cumprisse seu papel de “civilizar” sob os preceitos

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

iluministas, fato que nunca aconteceu. Em 1913, o autor escreveu sobre a colonização lusa no aniversário do periódico que

Quatrocentos anos de domínio e três duma República democrática cheia de cores, promessas e projetos de liberdade, pão, educação e justiça – termos de tanto ouvir nada significam – ainda não deram ‘nada de útil’... Estes povos continuam de boa ou má cara fazendo rapa-pés, pagando impostos, mutilando-se nas minas do Rand, para trazer dinheiro, morrendo de fome quando ela aperta, molhando-se quando a chuva cai dos altos céus, dessedentando-se nas cantinas com o ‘vinho’ esse néctar e bálsamo dos portugueses é por ora a única manifestação visível de sua colonização^{XLVII}.

Em seus escritos percebemos o descontentamento do autor com práticas coloniais como o trabalho forçado e a falta de opção de trabalho para a população moçambicana, situação que faria os trabalhadores irem para as minas do Rand

Querer de boa fé que o preto deixe de emigrar para se dedicar à agricultura aqui, a trabalhar para outros com tão baixos salários, é perfeitamente sonhar acordado... (...) Ora trabalho por trabalho, pancada por pancada, o aborígina quer antes ir para fora de sua terra, porque ao menos vai ganhar mais; e ele na sua qualidade de bruto – desculpem-no – não sabe calcular as vantagens, altissonantes e patrióticas, que podem advir para a civilização e para o Mundo, em se dedicar à sua terra – da qual apenas guarda dolorosas recordações de exigências em dinheiro, trabalho forçado, mulheres confiscadas de refém ao imposto, bebedeiras, cavalo marinho, dilúvios e dias passados no topo das árvores quando chove e sedes atormentadoras quando o sol cresta o capim e mata os gados! (...) Colonização, ó boa amiga... Vai-te despir...^{XLVIII}

O tom irônico e agressivo se tornou uma marca extremamente importante de João Albasini em seus textos assinados em seus periódicos. É importante assinalarmos que esse traço começou a aparecer logo nos primeiros números de *O Africano*, mostrando claramente que já era uma característica construída e definida do autor. Em seu terceiro número percebemos esse tom ácido ao tratar do racismo existente na estrutura do Estado Colonial em Moçambique:

Já não é pelo mérito que se aquilata o valor das pessoas: é pela cor. Não importa ser-se honesto, trabalhador e cumpridor dos seus deveres: o que se precisa hoje é que seja branco o pretendente do lugar. Quem não é branco não pode viver, não tem onde empregar sua atividade, onde angariar os cobres para um caldo. É de cor: morra à míngua de pão. A terra é para os brancos (...) o colonial então terá estes dois caminhos a seguir: ou pendurar-se com uma corda no pescoço e morrer (...) ou então – segundo aconselha a razão – passear de clavina ao ombro a caçar gente branca e varar a bala todo branco que lhe passar ao alcance da arma! Ao menos será empregar o tempo nalguma coisa, será menos doloroso que a morte por inanição^{XLIX}.

Em outros textos, os abusos cometidos pela prática de violência do Estado Colonial eram relatados pelo jornalista devido aos indígenas não pagarem a tributação obrigatória

Há coisas que pareceriam imbecilidades se não fossem revoltantes actos de abuso de autoridade. Sabemos de indígenas que vivem em barracas alugadas a brancos e monhés e pelos quais pagam rendas mensais. Agora são ameaçados com prisões se não pagarem o impostos de palhota por casas de zinco que lhe não pertencem!^L

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

De acordo com Valdemir Zamparoni, mesmo homens críticos às práticas colonizadoras e à violência por elas empregadas, como o caso de João Albasini, pactuavam com certos valores quando se tratava de trabalhadores forçados (*chibalo*)^{LI}. Nas linhas a seguir, notaremos uma sugestão do jornalista da criação de espaços reservados e separados da cidade de Lourenço Marques para esses africanos

Ao Governo compete fazer, antes de mais nada, um *compound* oficial em sítio não muito afastado da cidade, *coumpound* que comportasse o número de pretos calculados para as necessidades da cidade, por outras palavras: devia-se regular e determinar de modo que das circunscrições os pretos que procurassem serviço viessem com guia para a Intendência – a quem devia estar subordinado o *Compound*. Uma vez o indígena entrado e registado *Compound* sairia deste quando fosse requisitado por alguém, firma comercial ou particular, sendo o salário estipulado, para trabalhar aos dias, semanas ou mês^{LII}.

A existência da prática das cantinas e o vinho colonial foram uma das principais críticas do autor entre as mazelas que o colonialismo trouxe para o africano. Segundo o jornalista, as cantinas seriam lugares imundos, que despertariam a imoralidade das pessoas com as práticas do alcoolismo

Moralidade do caso:

Temos o chiqueiro dentro da cidade com sua legião de cantinas.

Se até aqui o cidadão pacato tinha que trilhar um bocado de areia para ir ver o descalabro da nossa administração fora dos marcos da cidade, agora para tonificar a alma com um fatote de pitoresco nauseabundo, não tem que ir longe: onde acaba o macadame começa a imoralidade!^{LIII}

A prática do vinho colonial desestabilizava o mercado de bebidas cafreais^{LIV} que existiam entre os nativos. Essa desestruturação foi várias vezes retratada por João Albasini em seus textos, como podemos assinalar o seguinte

Exmo. Sr. Intendente dos Negócios Indígenas.

A lei proibiu o uso de bebidas cafreais para que o indígena só bebesse vinho – “do tal”.

(...) quando o clamor do cantineiros sobe; a autoridade pressurosa açula os auxiliares de faro prodigioso; e ai das pretas que tem panelas do ‘uputcho’... é tudo reduzido a cacos e os costados marcados a golpe do código de justiça, vulgo, cavalo marinho...

Nos arredores da cidade vive-se da exploração da bebedeira. As velhas os inválidos que o há em grande quantidade, a quem na mocidade não ensinaram nada de útil e prático para que a velhice fosse menos vergonhosa não tendo meios de vida própria, imitam simplesmente, os civilizados: fabricam as suas bebidas, bebem-nas, ou vendem: tudo à imagem e semelhança^{LV}.

Nas palavras de Patrícia Oliveira de Resende, a escrita de João Albasini buscava compreender

a real identidade da cidade era preciso caminhar por um mundo ocultado pelo processo de urbanização. Não simplesmente para contrapor ao mundo do luxo burguês, mas para revelar o lado oprimido e sofrido do novo tempo e para descobrir o cotidiano e a alegria de viver dos populares que mantinham sua cultura e hábitos singulares. (...) Sendo assim, João Albasini foi reconhecido como o primeiro jornalista relevante de Moçambique, autor da obra literária que divide fases na construção da literatura moçambicana e grande divulgador dos primeiros escritores do país. Como sujeito bastante atuante politicamente, defendeu ferozmente a cidadania do mulato e do

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

indígena, demonstrou preocupações com as questões de gênero, ao refletir sobre o papel social da mulher, e valorizava enfaticamente a educação como mola propulsora da formação de uma outra sociedade e civilização^{LVI}.

João Albasini foi um ferrenho crítico da colonização portuguesa nos territórios moçambicanos, seus posicionamentos se devem à incapacidade portuguesa de “civilizar conforme os preceitos da razão iluminista”. Muitas vezes, as palavras empregadas para se referir aos nativos soam preconceituosas, mas podemos considerar isso também como um mecanismo retórico para ironizar os preconceitos dos colonizadores frente os nativos. Demonstra que suas práticas excludentes são os verdadeiros bárbaros nesse mecanismo de exclusão imposta pelo colonialismo^{LVII}. De acordo com Albasini

O que veio fazer então a pretendida civilização? Para que se fez o sacrifício de vidas e fazendas para bater o potestado vátua? Se era para se servirem dos mesmos códigos de moral e justiça que ele usava, por que é que lhe chamavam bárbaro inculto? (...) Manter o pretinho parado no mesmo nível, sempre bicho, sempre ignorante, que é a melhor maneira de garantirmos a nossa superioridade. (...) O indígena de hoje não é bem o do tempo do Gungnhana.

Em 25 anos a ação do tempo faz-se sentir... Continuar-se eternamente a respeitar os usos e costumes e fugir sistematicamente de fazer frente às dificuldades e vencê-las é apenas criminoso^{LVIII}.

Seus pseudônimos, possuem um gênero de escrita própria. Chico das Pegas começou assinar artigos a partir de 1914^{LIX}, sua narração partiria da periferia da capital colonial e adicionava a sua escrita marcas locais (coloquialismo na linguagem e no contexto). O outro pseudônimo, João das Regras, publicou intensamente no periódico e teve sua aparição em 1913^{LX}. A escrita de João das Regras não se dirigia às autoridades coloniais na forma de reivindicação, mas procurava narrar o cotidiano colonial, podemos considerá-lo como um cronista, utilizando o português coloquial e palavras e frases em ronga, demonstrando o dia-a-dia em Lourenço Marques, muitas vezes beirando o ficcional. Segundo César Braga-Pinto

Na verdade, o estilo e a *persona* de João das Regras por vezes parecem se confundir com o próprio João Albasini, como quando durante sua estadia em Portugal envia a série “Cartas de Longe”, publicadas em fevereiro e março de 1920. Nem é tão certo que os artigos assinados de Chico das Pegas sejam de autoria exclusiva de João Albasini, pois ainda em 1928 (seis anos depois de sua morte) encontramos pelo menos um texto assinado como Xico das Rêgas (sic). Finalmente, há ainda muitos outros pseudônimos a serem identificados nas páginas dos dois periódicos. Uma carta de um leitor (publicada em 16-7-1919) atribui a João Albasini os seguintes: João das Regras, Silva Canela, Jagodes e Chico das Rêgas. Algumas poucas vezes, encontra-se ainda artigos em ronga, com a assinatura Nwandezengele^{LXI}.

Ainda sobre seus pseudônimos, o historiador Valdemir Zamparoni tem as seguintes ponderações:

Chico das Pegas, um pretenso comerciante de gado que abastecia a cidade – bem-humorado, descontraído, perspicaz, observador dos costumes e práticas sociais de brancos, indianos, mulatos e negros; escrevia em bela prosa satírica, denunciando as mazelas do colonialismo em seu dia-a-dia e revelando aspectos sociais e culturais pitorescos. Foi através dele, principalmente, que foram incorporados os falares populares. Outra era João das Regras – seria um velho colono saudosista dos ideais de progresso e civilização, pregados nos templos de implantação do domínio efetivo e das promessas então feitos. Suas crônicas são sérias, em estilo retórico e de apurada

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

erudição, vêm repletas de epítetos morais e legalismos e denunciam o não-cumprimento da “obra civilizatória”, mesquinha da “alma portuguesa na colônia”, os abusos contra os nativos, a corrupção e tudo aquilo que parece enxovalhar não só a dignidade humana, mas também o bom nome de Portugal. Por vezes, como Chico das Pegas, não resiste a incorporar os sons e falares das ruas^{LXII}.

Essas descrições de personificação das características dos pseudônimos, afirmadas pelo historiador Valdemir Zamparoni, não foram encontradas nos textos analisados no periódico. É interessante assinalarmos que diversos textos assinados por João Albasini ou seus pseudônimos faziam parte de algumas séries como, por exemplo, “Vozes de Burro”^{LXIII}. As discussões seriadas estão ligadas ao que os cronistas queriam suscitar em seu momento de escrita devido à imprecisão de conseguir avaliar problemáticas do cotidiano. Assim, ocorre a necessidade da criação dos pseudônimos, pois estes adequavam-se aos assuntos e as preocupações que eles traziam naquele contexto. Segundo Sidney Chalhoub, “mais do que um escudo, os pseudônimos podiam ser meios de elaboração de personagens-narradores, cujo perfil era construído cuidadosamente ao longo de cada série”^{LXIV}. Nessa perspectiva do papel dos pseudônimos, Patrícia Oliveira de Rezende defende que cada um deles assumiria diferentes identidades sociais dependendo do contexto apresentado e o público que gostaria de alcançar, assim, João Albasini buscava se flexibilizar para ter suas demandas ouvidas, por meio de uma escrita que variava da formalidade para a informalidade conforme a publicação^{LXV}.

Sobre as influências exercidas em seu pensamento e em sua escrita literária. Karel Pott, em um texto publicado em *O Brado Africano*, em 17 de agosto de 1932, dez anos após a morte de João Albasini assinalava que seu pensamento foi fortemente marcado pela leitura de Hegel e Karl Marx e isso o incentivaria a posteriormente a lutar por valores democráticos e inclusive tentar sua candidatura como deputado^{LXVI}. Seu gênero literário, como assinalou César Braga-Pinto, foi fortemente marcado por Eça de Queiroz, de acordo com o pesquisador

A admiração e identificação está explicitada em “Os Miseráveis”^{LXVII}, do próprio Albasini, em que o autor remete a uma crônica de 1871, chamada “História Pitoresca da Revolta da Índia, onde o escritor português crítica a ocupação portuguesa na Índia, no despertar da revolta de Satari. Como se a história se repetisse, ou como se o escritor moçambicano fosse contemporâneo de Eça, Albasini lança suas próprias farpas e críticas, no tom épico-irônico, o descaso dos portugueses na repressão da revolta de Satari, agora a de 1912^{LXVIII}.

Para refletirmos sobre as denúncias nos escritos de João Albasini, é importante pensarmos como o jornal atuava dentro de um espaço e para um público pré-determinado em sua época. *O Africano* criou um lugar simbólico naquela comunidade em inícios do século XX e, por isso, esse periódico ganhou grande circulação. Certamente, a escrita de João Albasini contribuiu para esse feito. Entretanto, não podemos esquecer que seus textos são essencialmente datados, no sentido de criticarem uma realidade social existente em Lourenço Marques e, em um plano maior, Moçambique.

O retrato de uma sociedade que estava na miséria e passava por abusos era constante em seus escritos. O viés literário que seu jornalismo investigativo transmitia era uma forma de ironizar um sistema que se dizia civilizado e transmissor de uma boa nova para os nativos. Patrícia Oliveira de Rezende assinala que

João Albasini tinha as suas facetas e os seus dilemas político no âmbito privado e, principalmente, público, já identificava muito bem as leis do sistema colonial, sabia que havia leitores que compreenderiam na pela a sua denúncia, como cronista engajado que era, tentava captar todas as experiências de vida, em um tempo tão

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

turbulento do pós-guerra, de mudanças sociais. O escritor, através da voz de João das Regras trazia a tona a questão étnica, tão relevante naquele contexto, no entanto surpreende tratar, em seu texto, a particularidade do feminino em tempos sem espaço para qualquer tipo de discussão de gênero. (...) João Albasini interagiu realmente com as coisas do seu mundo, participava ativamente das experiências, para até transformar o que via e viria; demonstrava também a sua insatisfação em captar a dificuldade da sociedade em abrir-se ao novo. Ao inovar no jornalismo moçambicano, abriu caminho para um avanço do conhecimento da cidade – Lourenço Marques – revelando um mundo obscuro, colocado em evidência o que o processo de urbanização ocultava e percorrendo por um espaço de crítica social. Desse modo, a notoriedade deste escritor, jornalista e cronista, dentro e fora da obra literária moçambicana, permanecerá através das memórias ficcionais e históricas^{LXIX}.

As críticas feitas ao trabalho africano, sua experiência como despachante e seu apoio das administrações locais possibilitou que João Albasini se tornasse chefe do trabalho indígena no Porto de Lourenço Marques, em nomeação feita por Freire de Andrade, governador colonial de Moçambique entre 1906-1910. Suas influências políticas e sociais não ficaram restritas ao período monárquico, pois tornou-se o único africano na Comissão Republicada constituída de seis membros, em 1914, para estudar e codificar as leis e costumes nativos^{LXX}. Além da sua atuação em cargos públicos, João Albasini possuía e alugava edifícios residenciais e comerciais na capital da colônia.

Ao considerarmos suas reivindicações, de acordo com Cesar Braga-Pinto, o dilema que se colocaria é como exigir direitos portugueses sem deixar de ser negro e africano. Dessa forma, o assimilado se encontra em posição de bastante destaque dentro da estrutura colonial e de constante conflito interno. Esse impasse iria se intensificar com as leis de exceção impostas em Moçambique. A primeira delas seria a portaria de 1913 instaurada pelo Intendente dos Negócios dos Indígenas e Emigração, Cabral Moncada que regulamentaria o trabalho e a cobrança de certos impostos aos indígenas, estes deveriam ser obrigados a apresentação de uma chapa, que ficaria conhecida como chapa moncádica, substituída posteriormente por um passe. Devemos assinalar, que desde finais de Oitocentos diversas legislações buscavam a identificação do indígena, no sentido de quem deveria ser considerado como tal e obrigado as tributações para essa categoria^{LXXI}.

De acordo com a historiadora Jeanne Penvenne, é indiscutível que suas críticas e desafios perante o sistema colonial foram mais intensos entre os anos de 1913 e 1916, mas que seu interesse político despertou durante sua crise pessoal entre 1917 e 1918, motivação esta derivada da fracassada tentativa de casamento com Michaela Loforte. Foi nesse momento que o jornalista decidiu vender *O Africano* para o padre Vicente do Sacramento. Em seu último editorial no jornal, João Albasini descartou todo o empreendimento feito no periódico, considerando como nove anos de lutas estéreis e inglórias que não haviam produzido ganhos substanciais para a população africana de Moçambique^{LXXII}.

Em seus escritos, João Albasini expôs por diversas vezes as condições horríveis dos trabalhadores moçambicanos que foram trabalhar nas minas do Rand (Transvaal, África do Sul) e argumentava que, se a população local fosse devidamente paga e bem tratada, preferiria permanecer na localidade. Denunciou reiteradamente os maus tratos a trabalhadores, criticou diversas vezes as condições insalubres em que se encontravam os trabalhadores africanos no porto de Lourenço Marques, pois dormiam em vagões abertos e galpões arruinados^{LXXIII}.

Em 1917, essa batalha se intensificaria com a publicação da Portaria dos Assimilados, que inclusive forçou a ida de João Albasini a Portugal com a intenção de tentar derrubá-la. Esse ano é extremamente importante na trajetória do escritor, pois encontra-se com membros da Liga Africana de Lisboa, tendo maior contato com o movimento pan-africanista, surgido no final do

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

século XIX. Sobre a Portaria do Assimilado é importante frisarmos que ela definiria o que era o indígena e o assimilado, obrigando a identificação dos indivíduos sobre a sua condição quando solicitado para as autoridades competentes.

Teve apenas uma tentativa em vida de ocupar um cargo político como deputado ao Parlamento português representando a colônia de Moçambique, em início da década de 1920. Entretanto, perdeu a vaga para um médico português que nunca teria pisado em solo moçambicano^{LXXIV}.

Em 16 de agosto de 1922, João Albasini faleceu vítima de tuberculose, doença que o acompanhou durante toda a sua vida. É importante assinalar que seu funeral contou com a presença de importantes autoridades administrativas portuguesas e parte significativa da elite de Lourenço Marques. A imprensa local cobriu o acontecimento e chegou a calcular o número de cinco mil pessoas presentes no enterro, fato até então inédito na colônia de Moçambique^{LXXV}.

A pergunta que fica sobre a trajetória desse importante intelectual é: porque um silenciamento profundo da sua figura na história literária de Moçambique? De acordo com Jeanne Penvenne

Embora Albasini claramente mereça consideração como uma “voz precoce de protesto”, em princípio ele aceitou o Estado colonial, a língua portuguesa e, até certo ponto, a cultura portuguesa. Ele também aceitou a autoridade dos anciões ronga, a língua e a cultura ronga e o consideravam de maneira alguma inferior a portuguesa. Ele não viu contradição em abraçar os dois. Ao contrário dos moçambicanos da geração seguinte, João Albasini foi criado em um ambiente urbano onde a língua e a cultura ronga estavam em várias línguas e culturas que coexistiram com relativa facilidade^{LXXVI}. (tradução nossa)

Décadas após sua morte, jornalistas de vários jornais recordavam a sua erudição e precisão nos editoriais. Seu estilo literário influenciou abertamente o Grêmio Africano em seu apogeu e por isso vários portugueses não aceitavam o fato de um negro com educação formal limitada possuir prestígio e reputação de escritor em Lourenço Marques^{LXXVII}.

Manuel de Brito Camacho, que assumiu a administração de Moçambique como Alto Comissário da República entre 1921 e 1923, considerava João Albasini um amigo próximo e uma figura intelectual. Essa relação próxima possibilitou que sua única vitória fosse realizada postumamente, que foi a inauguração de uma escola para mulheres africanas. O governador Brito Camacho estava determinado a realizar pelo menos esse componente da agenda política do intelectual. Um ano após a morte de João Albasini, houve a inauguração da escola, que recebeu seu nome e cujo currículo era composto por alfabetização, culinária e costura^{LXXVIII}.

Após a independência de Moçambique, a FRELIMO^{LXXIX} (Frente de Libertação de Moçambique) promoveu figuras da geração anterior à de João Albasini, por serem guerreiros, militares e líderes políticos na luta contra o colonialismo, ao contrário do escritor, que desenvolveu modos alternativos de contestação. Jeanne Penvenne assinala que

João Albasini era simplesmente burguês demais para a era da vanguarda marxista-leninista, ele era simplesmente irrelevante ou as contradições em seu legado era muito mais profundo? O escritor não se enquadrava no repertório de candidatos à candidatura histórica da Frelimo devido muitas razões. Primeiro, se os moçambicanos queriam reviver esquecidos nacionalistas, João Albasini realmente não se classificava. O autor não era nacionalista, menos ainda no sentido compreendido meio século após sua morte. Embora Albasini, reconheceu Moçambique como uma unidade política, ele certamente não contribuiu para uma ideologia de construção de uma nação na escala pregada pela Frelimo^{LXXX}. (tradução nossa)

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

Considerações Finais

João Albasini, ao longo de sua vida, buscou promover e comunicar-se dentro da sua comunidade local. Ele trabalhou para garantir que a administração portuguesa cumprisse o que seus ideais políticos garantiam. Ao contrário das figuras revividas pela FRELIMO, o escritor não era um revolucionário da libertação colonial ou um guerreiro na luta pré-colonial, mas um burocrata e intelectual. Além disso, Albasini era uma minoria dentro da própria minoria, fato considerado pela historiadora Jeanne Penvenne tão interessante na sua trajetória de vida^{LXXXI}.

Percebemos, em seus escritos, que seu foco estava no desenvolvimento de estratégias baseadas na interpretação de ideias regionais e internacionais para tentar aplicá-las localmente. Dessa forma, é possível afirmarmos que ele estava ciente de que as questões-chave do domínio colonial ficavam numa esfera muito maior que a da própria colônia. Albasini sabia, porém, que as implicações sociais e políticas impostas na capital Lourenço Marques afetavam todo o resto de Moçambique. Assim, buscava identificar questões importantes para criar alianças entre os mais diversos grupos africanos e coloniais para que direcionassem suas pautas às autoridades portuguesas^{LXXXII}.

Para concluirmos a apresentação da trajetória de João Albasini, utilizamos as considerações finais de Jeanne Penvenne sobre esse importante intelectual da literatura moçambicana

João Albasini foi claramente uma impressionante força intelectual e política moçambicana, mas ele não era de forma alguma um herói moçambicano. Ele lutou dentro dos limites de sua identidade e visão política. Ele investiu seu status privilegiado na promoção de políticas que ele considerou prospectivas e no melhor interesse dos grupos mais vulneráveis da comunidade urbana africana, especialmente diaristas, mulheres solteiras e filhos. Ele defendeu o que ele julgou ser salário justo e condições aceitáveis para trabalhadores, e ele apoiou o que julgou ser uma ação apropriada dos trabalhadores. Ele promoveu oportunidades educacionais práticas de qualidades para as mulheres e crianças moçambicanas. Tais esforços são dignos de reconhecimento, mas também é essencial reconhecer que nem todos aqueles que Albasini esperava os benefícios de suas políticas saudarem ser julgamento de que exigiam sua marca de proteção. (...) O caso de Albasini ilustra que o engajamento entre intelectuais africanos e o Estado Colonial em desenvolvimento eram controversos e desiguais. A consciência e a identidade dos intelectuais moçambicanos foram moldadas pelo estilo de vida, ideias e culturas diversas da cidade do início do século XX. (...) No final, o princípio orientador de Albasini foi a igualdade. Emoldurou a si mesmo como português e ronga^{LXXXIII}.

Notas

^I Doutorando em História UNESP/Assis.

^{II} SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História (São Paulo)*, v. 33, n. 1, p. 128.

^{III} SCHMIDT, Benito Bisso. *op. cit.*, p. 133.

^{IV} SCHMIDT, Benito Bisso. *op. cit.*, p.125.

^V SCHMIDT, Benito Bisso. *op. cit.*, p.135.

^{VI} SCHMIDT, Benito Bisso. *op. cit.*, p.140.

^{VII} BARROSO, Eloísa Pereira. Memória e Biografia: as representações de uma guerrilheira no período da Ditadura Militar Brasileira. *Patrimônio e Memória*. São Paulo: UNESP, v. 11, n. 1, jan-junho 2015, p. 97.

^{VIII} HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990

^{IX} NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, dez. 1993, p. 12-13.

^X NORA, Pierre. *op. cit.*, p. 21-22.

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

- ^{XI} REZENDE, Patrícia Oliveira de. *O ficcional e o histórico na literatura de João Paulo Borges Coelho*. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Niterói: Instituto de Letras (UFF), 2016, p. 67.
- ^{XII} PENVENNE, Jeanne Marie. João dos Santos Albasini (1876-1922): the contradictions of politics and identity in Colonial Mozambique. *Journal of African History*, v. 37, n. 3, 1996, p. 419-464, p. 432.
- ^{XIII} Os assimilados eram um grupo social intermediário que serviu de suporte para a colonização portuguesa nas colônias africanas, era uma pequena burguesia africana que serviria seus interesses. Entretanto, foi desta camada populacionais que surgiu as primeiras reivindicações políticas contrárias as mazelas e descasos do Estado Colonial.
- ^{XIV} MOREIRA, José. *Os assimilados, João Albasini e as eleições (1900-1922)*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1997, p. 43.
- ^{XV} MOREIRA, José. *Op. Cit.*, p. 45.
- ^{XVI} MOREIRA, José. *Op. Cit.*, p. 48.
- ^{XVII} *O Africano*, 9 de maio de 1917.
- ^{XVIII} *O Africano*, números publicados entre os meses de março, abril, junho e dezembro de 1909.
- ^{XIX} Carta de José Albasini no livro de MOREIRA, José. *Op. Cit.*, p. 52.
- ^{XX} MOREIRA, José. *Op. Cit.*, p. 53.
- ^{XXI} *O Africano*, 5 de setembro de 1909.
- ^{XXII} MOREIRA, José. *Op. Cit.*, p. 54.
- ^{XXIII} *O Africano*, 14 julho de 1911.
- ^{XXIV} MOREIRA, José. *Op. Cit.*, p. 54-55.
- ^{XXV} *O Africano*, 05 de janeiro de 1912.
- ^{XXVI} REZENDE, Patrícia Oliveira de. *Op. Cit.*, p. 67.
- ^{XXVII} BRAGA-PINTO, César; MENDONÇA, Fátima. *João Albasini e as luzes de Nwanzengele. Jornalismo e política em Moçambique (1908-1922)*. Maputo: Alcances Editores, 2014, p. 50.
- ^{XXVIII} PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 437.
- ^{XXIX} PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 436.
- ^{XXX} LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, p. 257.
- ^{XXXI} ALBUQUERQUE, Orlando; MOTTA, José Ferraz. *História da Literatura em Moçambique*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1998, p. 23.
- ^{XXXII} COELHO, João Paulo Borges. *O olho de Herzog*. Alfragide: Editora Leya, 2010.
- ^{XXXIII} NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana: ensaio*. São Paulo: Editora Kapulana, 2017, p. 25.
- ^{XXXIV} NOA, Francisco. *Op. Cit.*, p. 25.
- ^{XXXV} NOA, Francisco. *Op. Cit.*, p. 26.
- ^{XXXVI} NOA, Francisco. *Op. Cit.*, p. 26.
- ^{XXXVII} NOA, Francisco. *Op. Cit.*, p. 27.
- ^{XXXVIII} PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 438.
- ^{XXXIX} BRAGA-PINTO, César. *Op. Cit.*, p. 50-51.
- ^{XL} PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 428.
- ^{XLI} BRAGA-PINTO, César. *Op. Cit.*, p. 60.
- ^{XLII} REZENDE, Patrícia Oliveira de. *Op. Cit.*, p. 67.
- ^{XLIII} CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). *História em cosuas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 9-10.
- ^{XLIV} REZENDE, Patrícia Oliveira de. *Op. Cit.*, p. 71.
- ^{XLV} *O Africano*, 22 de novembro de 1913.
- ^{XLVI} *O Brado Africano*, 12 de abril de 1919.
- ^{XLVII} *O Africano*, 19 de julho de 1913.
- ^{XLVIII} *O Africano*, 23 de setembro de 1916.
- ^{XLIX} *O Africano*, 07 de abril de 1909.
- ^L *O Africano*, 16 de junho de 1917.
- ^{LI} ZAMPARONI, Valdemir. *Entre narros e mulungos: colonialismo e paisagens sociais em Lourenço Marques c. 1890 – c. 1940. Tese de História Social*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), 1998, p. 315.
- ^{LII} *O Africano*, 16 de setembro de 1911.
- ^{LIII} *O Africano*, 15 de dezembro de 1911.
- ^{LIV} São bebidas produzidas pelas populações locais que as fabricavam a base de fermentações.
- ^{LIV} *O Africano*, 22 de março de 1912.
- ^{LVI} REZENDE, Patrícia Oliveira de. *Op. Cit.*, p. 72.

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

- LVII BRAGA-Pinto, César. *Op. Cit.*, p. 60.
- LVIII *O Africano*, 17 de novembro de 1911.
- LIX Primeira aparição de Chico das Pegas aconteceu na publicação de 21 de fevereiro de 1914. No levantamento feito ela difere do que assinalou César Braga-Pinto na sua obra que teria surgido a personagem em 1913. BRAGA-Pinto, César. *Op. Cit.*, p. 62.
- LX *O Africano*, 09 de janeiro de 1913.
- LXI BRAGA-Pinto, César. *Op. Cit.*, p. 63.
- LXII ZAMPARONI, Valdemir D. “Colonialismo, jornalismo, militância e apropriação da língua portuguesa em Moçambique nas décadas iniciais do século XX”. IN: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa. *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 47.
- LXIII A série de crônicas intituladas Vozes de Burro foram publicadas nas seguintes datas: 20-09-1913; 11-10-1913; 15-10-1913; 22-09-1913; 31-12-1913 e 21-01-1914. Nos levantamentos realizados, faltou a crônica com numeração IV que não foi encontrada no corpus documental.
- LXIV CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Op. Cit.*, p. 13-14.
- LXV REZENDE, Patrícia Oliveira de. *Op. Cit.*, p. 77.
- LXVI POTT, Karel. *João Albasini*. IN: BRAGA-PINTO, César. *João Albasini e o olhar estrábico de O Africano*. IN: BRAGA-PINTO, César; MENDONÇA, Fátima. *João Albasini e as luzes de Nwanzengele. Jornalismo e política em Moçambique (1908-1922)*. Maputo: Alcances Editores, 2014, p. 413.
- LXVII Em vários dos títulos de suas crônicas, percebemos uma forte interação com outras literaturas como, por exemplo, a francesa e a clássica nos escritos desse autor.
- LXVIII BRAGA-Pinto, César. *Op. Cit.*, p. 64.
- LXIX REZENDE, Patrícia Oliveira de. *Op. Cit.*, p. 86.
- LXX PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. cit.*, p. 424-425.
- LXXI BRAGA-Pinto, César. *Op. Cit.*, p. 62.
- LXXII PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. cit.*, p. 437.
- LXXIII PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. cit.*, p. 449.
- LXXIV PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 427.
- LXXV *O Brado Africano*, 19 de agosto de 1922.
- LXXVI PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 441.
- LXXVII PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 446.
- LXXVIII PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 455.
- LXXIX A FRELIMO é um partido político de Moçambique fundado em 1962 e buscou a libertação colonial do país. Foi o primeiro partido a governar Moçambique após a independência.
- LXXX PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 457.
- LXXXI PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 457.
- LXXXII PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 462.
- LXXXIII PENVENNE, Jeanne Marie. *Op. Cit.*, p. 463.

Referências

ALBUQUERQUE, Orlando; MOTTA, José Ferraz. *História da Literatura em Moçambique*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1998.

BARROSO, Eloísa Pereira. Memória e Biografia: as representações de uma guerrilheira no período da Ditadura Militar Brasileira. *Patrimônio e Memória*. São Paulo: UNESP, v. 11, n. 1, jan-junho 2015.

BRAGA-PINTO, César; MENDONÇA, Fátima. *João Albasini e as luzes de Nwanzengele. Jornalismo e política em Moçambique (1908-1922)*. Maputo: Alcances Editores, 2014.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). *História em cosuas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

BIOGRAFIA, HISTÓRIA E COLONIALISMO: O CASO DE JOÃO ALBASINI (1876-1922)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO

COELHO, João Paulo Borges. *O olho de Herzog*. Alfragide: Editora Leya, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MOREIRA, José. *Os assimilados, João Albasini e as eleições (1900-1922)*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1997.

NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana: ensaio*. São Paulo: Editora Kapulana, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, dez. 1993.

O AFRICANO

O BRADO AFRICANO

PENVENNE, Jeanne Marie. João dos Santos Albasini (1876-1922): the contradictions of politics and identity in Colonial Mozambique. *Journal of African History*, v. 37, n. 3, 1996, p. 419-464.

POTT, Karel. *João Albasini*. IN: BRAGA-PINTO, César. João Albasini e o olhar estrábico de *O Africano*. IN: BRAGA-PINTO, César; MENDONÇA, Fátima. *João Albasini e as luzes de Nwanzengele. Jornalismo e política em Moçambique (1908-1922)*. Maputo: Alcances Editores, 2014.

REZENDE, Patrícia Oliveira de. *O ficcional e o histórico na literatura de João Paulo Borges Coelho*. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Niterói: Instituto de Letras (UFF), 2016.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História (São Paulo)*, v. 33, n. 1.

THOMAZ, Fernanda do Nascimento. *Os “Filhos da Terra”: discurso e resistência nas relações coloniais no sul de Moçambique (1890 – 1930)*. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2008.

ZAMPARONI, Valdemir D. “Colonialismo, jornalismo, militância e apropriação da língua portuguesa em Moçambique nas décadas iniciais do século XX”. IN: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa. *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ZAMPARONI, Valdemir. *Entre narros e mulungos: colonialismo e paisagens sociais em Lourenço Marques c. 1890 – c. 1940. Tese de História Social*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), 1998.